

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

## INCIVILIDADES: A VIOLÊNCIA INVISÍVEL NAS ESCOLAS

**REBECA DE CASTRO**

*Psicanalista e doutoranda em psicologia clínica pela Universidade de São Paulo.*

**Resumo:** A violência na escola não abrange apenas as manifestações mais explícitas de agressividade e ilegalidade, que alimentam a mídia e agravam o sentimento de insegurança social. Contempla também as microviolências, denominadas pela literatura especializada de incivilidades. De tão cotidianas, estas microviolências tornam-se invisíveis, adquirindo potencial extremamente nocivo às relações, prejudicando o aprendizado e minando a confiança e a esperança de quem trabalha com educação. O presente artigo traz reflexões sobre esta forma peculiar de violência, remetendo à necessidade de atenção do poder público para o delineamento de uma política de cuidado à escola.

**Palavras-chave:** cuidado, incivilidade, escola

### INCIVILITY: AN INVISIBLE VIOLENCE AT SCHOOLS

**Abstract:** School violence does not include only explicit manifestations of aggression and illegal acts, which feed the mass media and heighten the sense of insecurity. It involves microviolences as well, also called incivilities by researchers. This everyday phenomena becomes invisible and potentially harmful to relationships, impairing learning and undermining confidence and hope among those who work with education. This article reflects on this particular form of violence, referring to the need for public attention to design a school care policy.

**Keywords:** care, incivility, school

## INTRODUÇÃO

Por ocasião da defesa de mestrado, fui confrontada pela banca com uma pergunta que me surpreendeu: “a psicanálise legitima a violência?” Mais surpresa ainda fiquei com minha própria resposta, de uma incisividade intuitiva: “Acho que a psicanálise alerta”.

A pergunta era bastante pertinente. Afinal, meu trabalho partia de uma leitura psicanalítica das manifestações agressivas na escola (Winnicott, 1987) para investigar o sofrimento dos professores, concluindo que os educadores não permaneciam imunes a sentimentos destrutivos. Em outras palavras, minha pesquisa afirmava que a agressividade



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

infantil mobilizava a agressividade dos adultos, trazendo uma outra forma de compreender o estresse de professores, em sua necessidade de pedidos de afastamento temporário, formas de retaliações sutis, algumas queixas reiteradas e mesmo a ansiedade e o medo de perseguições e vinganças.

Durante muito tempo, a violência na escola foi compreendida como um fenômeno atípico, por vezes reconhecida como mero sensacionalismo da mídia, vindo a receber a atenção da comunidade acadêmica somente no final da década de 90 (Debarbieux, 2001; Sposito, 2001). Hoje, especialistas das mais diversas áreas debruçam-se sobre o tema, verificando as múltiplas formas e consequências da expressão da violência no meio escolar. Não há mais dúvidas sobre o mal-estar que assombra as instituições de ensino, desafiadas cotidianamente por atos transgressivos, pequenos e grandes delitos e, não raro, por situações de risco à integridade física de alunos e professores (Abramovay, 2003, 2004).

Contudo, não se pode deixar de destacar que boa parte das pesquisas atuais têm enfatizado a noção de incivilidade na investigação da violência na escola (Abramovay & Avancini, 2002; Charlot, 2002, 2005; Miranda, Miranda, Ferriani & Zito, 2007). Inspirado na obra de Norbert Elias (1939), o conceito de incivilidade refere-se a um tipo de agressividade miúda, caracterizada pela quebra de regras de boa convivência – desordens, empurrões, ofensas, grosserias, humilhações - envolvendo ataques cotidianos e repetidos ao direito de cada um. Uma agressividade que aparece muito cedo na vida escolar, entre crianças de 8 ou 9 anos (Tremblay, 2000; Debarbieux & Deuspienne, 2003), não tendo a dimensão dos atos disruptivos observados, por exemplo, na adolescência. Praticamente invisível frente às manifestações de violência explícita e transgressões à lei – ameaças de morte, lesão corporal, porte de arma, tráfico – as incivilidades não parecem receber a devida atenção do poder público, como se permanecessem associadas à indisciplina, representando uma forma menos nociva de violência.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Na realidade, as incivildades podem ser tão ou mais danosas quanto as transgressões observadas no espaço escolar. Primeiro porque comprometem a possibilidade do aprendizado, objetivo maior da escola. Elas atrapalham, promovem interrupções, desgastam, cansam. Em segundo lugar, porque prejudicam sobremaneira as relações entre os alunos. Entristece uns, acanham outros, ferem, machucam e enlaçam as crianças na difícil tarefa de suportar o convívio, ao invés de usufruí-lo, tornando o espaço escolar propício, inclusive, para a tão temida prática de *bullying*. E em terceiro lugar, porque mobilizam fortes sentimentos entre os educadores, deixando-os perdidos, atônitos, desvitalizados, descrentes. Ou ainda, magoados, ressentidos, hostis e, principalmente, mais vulneráveis à adoção de práticas autoritárias.

Trata-se de uma experiência de sofrimento que ocorre no interior da escola e justamente por isso, permanece intocada pelas políticas públicas, como se reduzida à condição de mero conflito interno. Nada contra os Programas “Escola Aberta”, “Escola para a Paz” e “Escola que Protege”, apoiados e difundidos pelo governo no combate à violência na escola. São notórios os resultados trazidos por estas práticas, que tanto têm contribuído para a identificação de violações de direito de crianças e adolescentes, além de assegurarem a integração da escola com a comunidade. Ocorre que nenhum destes projetos atenta para os efeitos corrosivos das incivildades, negligenciando o dia-a-dia doloroso enfrentado por alunos e professores, confrontados e mobilizados em sua própria destrutividade, em função de ataques e provocações constantes.

Crianças que não conseguem se concentrar, precisando repetidamente chamar a atenção de seus cuidadores, expressando-se pela via da agressividade, demandam um trabalho diferenciado, antes que se possa até mesmo exigir algum aprendizado formal (Winnicott, 1987). Seus professores, por sua vez, quando não amparados em suas dificuldades de manejo de disciplina, podem adoecer, distanciarem-se emocionalmente, exercerem um trabalho sem criatividade, tornarem-se mais rígidos. Pelo que pude constatar



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

em pesquisa qualitativa com professores de uma escola pública (Castro, 2008), os docentes lutam contra a impotência consumindo sua energia em reclamações contra os alunos e a escola, devolvendo a carga de agressividade experimentada em classe por meio de uma postura indiferente ou punitiva, que em nada favorece o diálogo com seus alunos.

É preciso lembrar que em virtude da escolarização obrigatória, a escola passou a representar, definitivamente, o segundo espaço de socialização no processo de desenvolvimento humano, depois da família. Além disso, foi incluída oficialmente no sistema de garantia de direitos da infância e adolescência, desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente nos anos 90. Se até alguns anos atrás, uma instituição de ensino seguia sua rotina com relativa facilidade para impor suas regras – porque era abandonada por quem não conseguia aprender ou porque expulsava os indesejados - hoje precisa manejar tarefas difíceis como o incentivo à aprendizagem, o respeito à diferença e a colocação de limites. Isto muda significativamente o papel da escola e a demanda aos educadores, exigindo atenção aos aspectos afetivos do ensinar e aprender. Exigindo um olhar sobre as dificuldades apresentadas por certos alunos de permanecerem em sala de aula e de se vincularem aos demais. E exigindo elaboração constante dos sentimentos despertados por este ensino que não se restringe mais à transmissão de conhecimento.

#### O CUIDADO ÀS RELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

Voltemos à pergunta apresentada no início deste artigo. A Psicanálise, desde seus primórdios, tem alertado para a existência da agressividade como algo inerente ao ser humano (Freud, 1915, 1930). A própria obra de Elias (1939) - que embora não trate do universo escolar, subsidia a concepção de incivilidade no estudo do fenômeno da violência nas escolas - também destaca a existência de forças destrutivas que são moldadas pela cultura. Ao descrever a evolução das práticas ligadas à agressividade e sexualidade na idade média, este autor esclarece o quanto o acontecer humano, que se materializa nas relações, é



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

determinado historicamente, inclusive nos modos de expressão do prazer e da agressividade.

A Psicanálise, porém, avança com as contribuições de Klein (1927, 1930, 1935, 1937) e Winnicott (1987), demonstrando que a agressividade é necessária ao amadurecimento emocional. Somente a possibilidade de integrar sentimentos tão diversos quanto o amor e o ódio pode assegurar o controle dos impulsos destrutivos, a tolerância a frustrações, a aceitação das limitações de si mesmo e do outro. Winnicott (1987), em especial, esclarece que a integração destas forças está associada à qualidade das primeiras experiências de cuidado vivenciadas pela criança. Quando o ambiente familiar não é continente por algum motivo, diz o autor, verifica-se uma falha crucial do processo de desenvolvimento, que se evidencia na manifestação de uma tendência antissocial na escola e na comunidade.

Considerando estas perspectivas histórica e desenvolvimentista, penso que o fenômeno das incivildades pertença ao campo dos modos contemporâneos de subjetivação, que alguns autores apresentam como uma sociabilidade mais agressiva e menos tolerante (Sposito, 2001, Zaluar & Leal, 2001). Não se trata de banalizar o fenômeno, tomando-o como simples reflexo da cultura, mas de ponderar sobre as condições que propiciam a emergência desta forma de sociabilidade. Afinal, ao esclarecer que há uma agressividade básica em todos nós, mitigada somente a partir da experiência de cuidados contínuos capazes de gerar um núcleo interno de confiança no mundo e no outro, a Psicanálise instiga o debate sobre os recursos de cada sociedade para conter, elaborar e sublimar seu potencial destrutivo.

Por isso, acredito que a agressividade corriqueira observada nas instituições de ensino não esteja dissociada dos índices de vulnerabilidade social das nossas crianças e adolescentes, nem sempre acolhidos e acompanhados em suas necessidades de constância, disponibilidade ou empatia. Com a ausência de uma política efetiva de cuidado social às



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

famílias, a escola recebe, cada vez mais, um público fragilizado, que anseia por uma atenção e sensibilidade para a qual a instituição não está preparada.

Penso, também, que as incivildades, particularmente aquelas dirigidas aos educadores, embutem uma influência de parâmetros consumistas de relação, transformando a assimetria da relação professor-aluno na interação tirânica cliente-fornecedor. O Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul já abordou o tema em seu jornal digital, referindo-se a episódios de arrogância de alunos perante seus professores (Fraga, 1999). É como se o bordão “estou pagando!” contaminasse a experiência de ser aluno, trazendo à tona desejos típicos de um cliente que espera ser servido, não enfrentar dificuldades e contar com satisfação garantida, ainda que nada disso seja possível no processo de aprendizagem.

Quanto à experiência de ser professor, pude verificar o quanto a agressividade pode torná-la confusa, insegura, ressentida e desesperançada. Entrevistei professores em início de carreira extremamente angustiados com a realidade da sala de aula, questionando sua capacidade pessoal para o ensino. Encontrei educadores experientes preocupados e ao mesmo tempo cansados de seus alunos, frustrados com a instituição e, em alguns casos, com a própria escolha profissional. E ainda, professores próximos da aposentadoria decepcionados e magoados, vivenciando sentimentos de solidão e tristeza. Alguns estados depressivos apresentados pelos professores escondem o pavor de não mais conseguir retornar para a sala de aula, em função do medo de sentir aversão pelas crianças.

Mas o pior efeito das incivildades pode ser observado nas relações entre alunos e professores, dado o grande desencontro entre aqueles que precisam de cuidados e seus cuidadores. No convívio com as manifestações de agressividade, os professores vão perdendo a capacidade de sentirem-se úteis, o que acaba minando a criatividade e o envolvimento pessoal no trabalho educativo. Sensíveis às experiências de agravo, os professores explicitam sua contrapartida agressiva em atitudes arbitrarias ou furiosos registros de ocorrência disciplinar, onde os alunos são verbalmente atacados e denegridos à



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

coordenação. Podem ainda vivenciar um certo automatismo no exercício do ensino, revelado na indiferença aos pequenos, que não deixa de ser agressiva: “quem quiser aprender, que aprenda!”. Outras vezes, adotam uma atitude de extrema cautela, acreditando que apenas as crianças têm direitos e que toda e qualquer conduta docente pode ser mal interpretada. Nestes casos, procuram se resguardar ao máximo e/ou passam a concentrar-se em estratégias anti-conflito, planejando atividades que ocupem todo o tempo do aluno. A flexibilidade característica do início da carreira, embora associada à angústia e questionamentos sobre a própria competência, cede lugar paulatinamente à rigidez, a uma frieza ressentida e à menor tolerância diante de provocações, ampliando a distância entre professores e alunos.

Desta forma, a análise do fenômeno das incivildades revela dois aspectos do convívio no espaço escolar. De um lado, as dificuldades de interação das crianças e adolescentes, seja entre pares, seja com os adultos. De outro, a ambivalência criada neste ambiente, devido ao despertar de sentimentos vingativos ou de autopreservação entre os cuidadores. Ao contrário das violências propriamente ditas, que muitas vezes podem agregar toda a comunidade escolar- identificada pela dor e pela perda - as incivildades sempre desagregam, gerando um clima de mal-estar.

A falta de atenção do poder público às incivildades só vem demonstrar o quanto se tem negligenciado o fato de a escola representar um significativo espaço de socialização na atualidade. Hoje, tanto quanto as famílias, as escolas assumem a árdua tarefa de promover o desenvolvimento de crianças e adolescentes, participando ativamente do amadurecimento emocional dos alunos. Mesmo assim, encontra-se abandonada à própria sorte. É convocada a abrir suas portas para a comunidade, mas não recebe o devido amparo para que possa oferecer, a este mesmo público, novos sentidos para o estar-junto ou como-estar-junto. À própria sorte também ficam nossas crianças e adolescentes. Sintoma de uma sociedade onde parece que cada um precisa aprender a cuidar de si mesmo.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M. (2003). Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In M. Abramovay, **Violência na escola: América Latina e Caribe** (pp. 89-150), Brasília: Unesco.
- Abramovay, M. (2004). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: Unesco.
- Abramovay, M., & Avancini, M. F. (2002). **Educação e incivilidade**. Extraído em 25 de março de 2005 de <http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/4.pdf>.
- Castro, R, E.F. (2008). **Eles cuidam de crianças. Quem cuida deles? O sofrimento psíquico do professor na relação com a criança considerada agressiva**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-15122008-123651/>
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, **8**, 432-443.
- Charlot, B. (2005). A violência na escola. O que a escola pode fazer e como? [CD-ROM] In **Anais do Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas**, 2, Belém, PA: Universidade da Amazônia – UNAMA.
- Debarbieux, E. (2001). A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). **Revista Educação e Pesquisa**, **27** (1), 163-194.
- Debarbieux, E., & Deuspienne, K. R. (2003). Das estatísticas oficiais aos levantamentos sobre vitimização, delinquência juvenil e violência nas escolas. In Unesco (coord.), **Desafios e Alternativas: violência nas escolas**, Brasília.
- Elias, N. (1939). **O processo civilizador** (vol 1). Rio: Zahar, 1994.
- Fraga, C. (1999). **O cliente tem sempre razão**. Disponível em [http://www.sinpro-rs.org.br/extra/ago99/educacao\\_1.htm](http://www.sinpro-rs.org.br/extra/ago99/educacao_1.htm)
- Freud, S. (1915). **Reflexões para os tempos de guerra e morte**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (vol XIV, pp. 311-339). Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- Freud, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (vol XXI, pp. 81-177). Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- Klein, M. (1927). **Tendências criminais em crianças normais**. Obras Completas de Melanie Klein (vol. I, pp. 197-213). São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- Klein, M. (1930). **A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego**. Obras Completas de Melanie Klein (vol. I, pp. 249-264). São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- Klein, M. (1935). **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos**. Obras Completas de Melanie Klein (vol. I, pp. 301-329). São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- Klein, M. (1937). **Amor, culpa e reparação**. Obras Completas de Melanie Klein (vol. I, pp. 346-384). São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- Miranda, M. I. F., Miranda, J. R.V., Ferriani, M. G. C., & Zito, A. (2007). Violence in high school. Factores and manifestations from a city in southeast Brazil. **International Journal on Violence and Schools**, **3**. Disponível em <http://www.ijvs.org/1-6053-Article.php?id=34&tarticle=0>
- Sposito, M. P. (2001) Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Revista Educação e Pesquisa**, **27** (1), 87-103.
- Tremblay, R. E. (2000). The development of aggressive behaviour during childhood: What have we learned in the past century? **International Journal of Behavioral Development**, **24**, 129–141.
- Winnicott, D. W. (1987). **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes.
- Zaluar, A., & Leal, M. C. (2001). Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, **16** (45), 145-164.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)  
[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

Recebido: 12/03/2010

Aceito: 14/04/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)